

Leitura recreativa infantil; uma revisão bibliográfica

**Children's recreative reading: a review of the
literature**

MARIA HELENA ANDRADE MAGALHÃES*

Exame de estudos sobre leitura recreativa infantil, abordando trabalhos de pesquisa desenvolvidos em países estrangeiros e no Brasil.

1. Introdução

Um levantamento da literatura sobre leitura recreativa infantil revela uma tendência para se enfatizar, entre outros, os seguintes aspectos: a posição da leitura entre os meios de comunicação e entre as diferentes formas de lazer; as possíveis influências da leitura no comportamento de crianças e adolescentes e o desempenho da escola em relação à leitura recreativa dos alunos.

2. Revisão da literatura

2.1 Estudos estrangeiros

Um dos estudos mais abrangentes é o desenvolvido por BAMBERGER (3) que analisa o processo da leitura, sua importância e funções. Segundo o autor, o interesse pela leitura difere em cada faixa etária, ocor-

* Professor da Escola de Biblioteconomia da UFMG.

rendo maior incidência desse interesse entre crianças de 8 a 13 anos. Aponta os seguintes fatores que determinam a maior ou menor atenção atribuída à leitura, nos diferentes países: posição do livro na escala de valores da sociedade; tradição cultural; papel do livro na escola e no sistema educacional; oportunidade de leitura e de acesso ao livro através de escolas e bibliotecas. Atribui o fracasso no desenvolvimento de hábitos de leitura à falta de habilidade suficiente, às motivações demasiado fracas, que não atendem aos interesses e necessidades do público leitor e à preponderância de outras formas de recreação. Para ele, são muito importantes, na formação do gosto pela leitura: tema, conteúdo, aspectos gráficos do livro, disponibilidade de material, oportunidades e tempo para ler. Sugere várias atividades que, devidamente adaptadas ao meio e às condições locais, podem ser desenvolvidas na promoção do interesse pela leitura.

MANN (15) faz uma classificação pragmática da leitura, definindo três categorias: utilitária, social e de lazer. Afirma que a leitura é atividade da qual grande parte da população não participa, uma vez que são os outros meios de comunicação, especialmente a televisão, que proporcionam informação, distração e formas de auto-crescimento. Pondera, entretanto, que a televisão, ao contrário do livro, proporciona uma forma de lazer passivo, não fazendo qualquer tipo de solicitação intelectual. Afirma que "os livros são parte da cultura total, e qualquer que seja a função que desempenham — trabalho, estudo, lazer, passatempo ou relaxamento — constituem parte essencial de todas as secções da sociedade civilizada".

DUMAZEDIER (5) trata do livro no contexto do lazer. Chama atenção não só para a necessidade de reintegrar o imaginário na vida das pessoas, mas tam-

bém para os perigos representados pelos mecanismos de projeção e identificação, que podem provocar confusões do mundo real com o imaginário.

Aponta a elevação do nível de vida como um dos fatores mais eficientes para o desenvolvimento de hábitos de leitura, uma vez que permite a compra de equipamentos de lazer, inclusive de livros, e mais tempo livre para recreação. Para o autor, o que não pode ser afirmado com certeza é se os autores e a indústria editorial estão preocupados em corresponder aos interesses do público leitor. Conclui que, apesar de muitos obstáculos, e de se encontrar ainda alguém de uma situação ideal, a leitura de obras literárias vem sendo incluída entre as formas de lazer de camadas cada vez mais numerosas da sociedade.

Contrariando essa afirmação de Dumazedier, SORIANO, (19) reconhece a existência de uma verdadeira "crise de leitura" na França, detetada através dos seguintes indicadores: alta percentagem de adultos (50 a 55%) que nunca lêem livros, e de jovens (55 a 65%) que sequer chegam ao nível da leitura silenciosa; preferência acentuada pelas chamadas "leituras fáceis"; existência de uma literatura paralela, de baixo valor literário. e uma queda proporcional de títulos de literatura infantil, no conjunto da produção editorial do país. Afirma que essa crise faz parte de outra, mais ampla, da cultura e da educação, causada pela preponderância dos meios de comunicação de massa, especialmente a televisão; pelo baixo nível escolar médio; pela desvinculação do livro dos interesses da vida quotidiana, e por uma política inadequada de seleção de livros para editoração.

Considerando as condições favoráveis existentes na França — tradição de qualidade do livro infantil,

esforços de escolarização, incremento de pesquisas sobre leitura como forma de comunicação entre a sociedade infantil e a dos adultos, desenvolvimento da indústria editorial — o autor sugere algumas iniciativas básicas para a superação do problema: política de ensino da leitura, associada aos interesses da criança; política editorial mais adequada; ação conjunta envolvendo família, escola, bibliotecas e meios de comunicação de massa.

Analisando o papel da escola no desenvolvimento do interesse pela leitura, destacam-se os trabalhos de Marshall e Landy.

MARSHALL (16) aponta algumas causas do desinteresse e apatia dos escolares adolescentes pela leitura, relacionando-as, em muitos casos, ao comportamento dos professores. Segundo a autora, as atitudes são aprendidas e para esse aprendizado concorrem as experiências com objetos e situações, a influência de outras pessoas, o desenvolvimento da personalidade. Os ambientes social, psicológico e educacional do adolescente são importantes para a formação de atitudes e raramente se tem podido atribuir à biblioteca escolar um desempenho relevante na formação e orientação do hábito de leitura.

Observa ainda que as obras de literatura infanto-juvenil devem ser relevantes, contendo cenas, situações e personagens reconhecidas como parte do mundo infantil. E afirma: "É o texto que deve ser testado por sua adequação, relevância e capacidade de entretenimento, e rejeitado se não preencher suas finalidades".

LANDY (11) afirma que a escola tem sido bem sucedida em destruir o divertimento da leitura, que constitui o elemento motivador por excelência. Para

a autora, os professores se preocupam excessivamente com detalhes, levando os alunos a perderem a visão de conjunto do livro, insistem em relatórios extensos e muitas vezes incorretos da leitura de livros selecionados de listas estáticas e desatualizadas. E adverte: "Forçar a ler os clássicos, quando não se quer, é uma forma eficiente de matar o interesse pela leitura". Recomenda a provisão de material de leitura mais adequado ao aluno, atitude positiva em relação à leitura, por parte da escola, utilização da biblioterapia como forma de estímulo, quando se fizer necessário.

Ainda relacionado com o ambiente escolar, FONTAINE (6) descreve a situação de precariedade encontrada na África: "O que normalmente se vê nas escolas é um punhado de livros encapados com papel opaco, trancados a chave em armários de aço, sem um especialista que possa selecioná-los e prepará-los para uso, orientar a leitura e o uso da coleção e das obras de referência e sem um local adequado onde as crianças possam estudar com prazer".

Um fascículo da publicação "Library Trends", editado por LOHRER(14) aborda vários aspectos da pesquisa de leitura recreativa. Mesmo considerando que as informações são limitadas, os dados apresentados levam a acreditar que:

— os interesses de leitura sofrem influências das variáveis, sexo, idade, grau de alfabetização e de inteligência, fatores étnicos e sócio-econômicos, disponibilidade de material;

— os meios de comunicação de massa são mais utilizados do que a leitura, existindo uma relação inversa entre a quantidade de tempo dispendido com a leitura e com assistência à televisão;

— em geral, os jovens não apreciam a indicação das obras consideradas "clássicas" pelos professores;

— fatores como a família, a escola, os amigos e os meios de comunicação exercem forte influência no comportamento infantil e os livros desempenham importante papel na promoção da saúde mental e emocional do indivíduo.

Desenvolvendo pesquisa no Canadá, LANDY (12) constatou que o professor foi o grande responsável pelo incentivo à leitura. Aqueles mais entusiasmados com a leitura, mantendo na sala de aula um acervo variado de livros, fazendo o acompanhamento dos progressos dos alunos, reservando alguns minutos diários para leitura voluntária, eram os professores com maior número de alunos-leitores. Ao contrário, uma incidência mínima de interesse pela leitura foi verificada entre alunos de professores desinteressados, que deixaram de promover atividades adequadas e de encorajar seus alunos, voltando-se apenas para o uso de métodos e materiais audiovisuais. Segundo a autora, cada leitor apresenta um comportamento de leitura próprio, mutável com o tempo, e os fatores sexo, grau de escolaridade e acesso ao livro foram considerados os mais importantes na determinação desse comportamento. Outras fontes de influência foram: grau de alfabetização e de inteligência, condições físico-ambientais favoráveis, existência de livros em casa, uso do tempo livre e de bibliotecas. Algumas dessas variáveis são passíveis de manipulação, através de programas especiais promovidos pela escola. Um dos fatores que influenciaram negativamente a leitura recreativa foi a associação feita entre livros e escola, quando o livro passa a ser considerado exclusivamente um material de informação e não uma fonte de recreação e divertimento.

Os resultados de uma pesquisa denominada "Livros e Comunicação", realizada na Alemanha, foram relatados no "Boletim Mensal SNEL" (13). A referida investigação constatou que muitos alunos transferem sua hostilidade em relação à escola para os livros como meio de instrução, o que pode bloquear sua receptividade às obras de literatura. Conclui também que as crianças, em geral, tem atitude positiva em relação à leitura, que atinge seu ponto mais alto na faixa etária de 10 a 14 anos, declinando depois; e que o índice de leitura cai drasticamente quando do total se exclui a leitura escolar compulsória, o que indica um fracasso da escola em transformar a obrigação em hábito. Embora o relato ressalve que o estudo teve caráter local, pode-se dizer que muitos desses resultados são passíveis de generalização.

Em obra sobre psicologia do adolescente, BROOKS (4) relata estudos feitos com adolescentes, concluindo que a leitura não constituiu forma de lazer preferida pelos jovens, que optaram por esportes, viagens, cinema, televisão e rádio, tendo a leitura ocupado posição secundária em relação a essas formas de lazer. Quanto às preferências literárias, os relatos juvenis e as histórias de aventuras foram os preferidos por estudantes de ambos os sexos.

2.2. Estudos realizados no Brasil

Alguns estudos sobre leitura tem sido desenvolvidos em nosso país, e um relato dos resultados de pesquisas junto a estudantes de segundo grau e universitários foi feito por MEDINA (17), em obra sobre a realidade do livro no Brasil. Quanto à leitura recreativa infantil, podem-se destacar os trabalhos descritos a seguir.

Em 1944, o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos — INEP-(9-10) publicou os resultados de uma investigação sobre o valor educativo de jornais e revistas infanto-juvenis, editadas no Rio de Janeiro. O estudo constou de duas partes: 1. análise de qualidade de textos publicados; 2. verificação das influências da leitura dessas publicações, com aplicação de questionários a pais, professores e alunos de escolas públicas e particulares. Os resultados indicaram que, do ponto de vista de higiene da visão, as publicações eram prejudiciais, apresentando papel, tipo de impressão, ordenação da matéria, etc., abaixo dos padrões aceitáveis. O conteúdo mostrou uma incidência alarmante de cenas de violência, personagens aventureiros e criminosos, pilhérias e ilustrações de mau gosto.

No que se refere à influência das publicações, menos de 20% dos professores admitiram valor educativo integral do material examinado. Algumas influências positivas foram mencionadas: estímulo do espírito de iniciativa e da capacidade inventiva, curiosidade intelectual para certos assuntos, aquisição de conhecimentos históricos e geográficos. Entretanto, as influências negativas — esquecimento dos deveres escolares, turbulência nos brinquedos, desobediência, imitação de tipos sociais pouco desejáveis, repercussões emocionais intensas — superaram as positivas e considerou-se que a leitura trazia mais prejuízos do que vantagens para os alunos. Uma conclusão mais grave desse estudo é que as editoras não possuíam um programa definido, que considerasse não só os benefícios, mas também as desvantagens das publicações destinadas a crianças e adolescentes.

ALBUQUERQUE (2) relata estudo realizado por SOBRAL, intitulado "Levantamento sobre preferências de leitura entre crianças no Rio Grande do Sul", com

aplicação de questionários a cerca de 12 mil alunos de escolas oficiais e particulares. De acordo com os resultados apurados, a grande maioria dos alunos declarou gostar de ler, preferindo nesta ordem: aventuras, contos de fadas, animais, amor, crianças, confirmando a preferência por esses temas quando indicaram títulos de obras mais apreciadas. O assunto foi considerado um elemento importante da obra e houve aceitação evidente de livros de maior tamanho e espessura.

Mais recentemente, o Centro de Pesquisas Literárias da PUC/RS (20) realizou estudo com o objetivo de verificar a indicação de obras literárias em escolas da Região Metropolitana de Porto Alegre, no período de 1975 a 1977. A coleta de dados foi feita junto aos professores de 169 escolas governamentais e particulares, envolvendo indiretamente mais de 100 mil alunos.

Constatou-se preferência por autores nacionais, em todas as séries, sendo Érico Veríssimo o autor com maior número de indicações, seguindo-se Maria José Dupré, José Mauro de Vasconcelos e Homero Homem.

Quanto aos autores estrangeiros, o destaque foi para autor moderno — Maurice Druon — que superou a indicação dos clássicos. O maior número de indicações foi registrado na 5.ª série, decaindo a partir daí; mesmo assim a indicação de obras para a 8.ª série mostrou-se seis vezes maior do que para a segunda. Essa pesquisa, ao que tudo indica, seguiu apenas uma frente de investigação, coletando dados junto ao professor de Português. Não há qualquer referência aos critérios utilizados pelos professores para a escolha dos livros e quanto à apreciação dessas leituras por parte dos alunos.

As pesquisas relatadas por GONZÁLES (7) são também relacionadas com a indicação de obras para leitura de alunos de 1.º grau, em Belo Horizonte. A primeira, realizada em 1953/55, sob orientação de Alaíde Lisboa de Oliveira. A segunda, quinze anos depois, sob orientação de Magda Soares. Ambos os estudos, realizados por alunos da UFMG, comprovaram que os professores usavam critérios pessoais para fazer indicação de leituras, mantendo durante anos uma lista estática, que enfatizava apenas os clássicos da literatura brasileira.

O livro "Iracema" deteve o primeiro lugar, nas duas pesquisas, e não variou o elenco de livros mais lidos: A Moreninha, O Guarani, o Tronco do Ipê, Dom Casmurro e outros, tendo a segunda pesquisa apontado uns poucos títulos a mais, como "Meu Pé de Laranja-Lima" e "Menino de Engenho".

Outra pesquisa, intitulada "Literatura consumida pelos alunos de 1.º grau do município do Rio de Janeiro", foi desenvolvida por PIRES (18) durante o 2.º semestre de 1974, visando a "oferecer subsídios para a elaboração ou redefinição da política do livro infantil e juvenil e possibilitar melhores condições de incentivo à leitura de crianças e jovens".

O estudo seguiu duas frentes de investigação: 1. Coleta de informações sobre o público leitor, com caracterização dos ambientes familiar e escolar dos alunos, em relação à leitura; 2. Levantamento de informações sobre as agências fornecedoras de oportunidades de leitura, mais especificamente bibliotecas e livrarias. Alguns resultados são significativos:

- a) Os alunos apresentaram estágio atrasado e baixo índice de leitura, considerando-se o seu

nível de escolaridade. A categoria "leitores fracos e nulos e não possuidores de hábito de leitura" incluiu maior número de alunos;

- b) Em relação a gêneros literários, os alunos das quatro séries finais do 1.º grau demonstraram preferência por romances sentimentais, aventuras e conteúdos que apresentavam problemas sociais do cotidiano. Quanto à forma de publicação, a revista em quadrinhos foi a preferida.
- c) Os autores brasileiros obtiveram a preferência de 58% do total de alunos de 5.ª a 8.ª séries, aparecendo porém com pequeno percentual entre alunos das quatro séries iniciais;
- d) Evidenciou-se grande influência dos meios de comunicação de massa, sobretudo a televisão, o rádio e o cinema;
- e) Verificou-se que os ambientes escolar e doméstico são fatores importantes no incentivo à leitura, mas que são mínimas as oportunidades e facilidades de leitura por eles oferecidas. Em geral, os índices de acesso ao livro mostraram-se muito baixos;
- f) As bibliotecas públicas, embora em número mínimo, mostraram-se melhor equipadas do que as bibliotecas escolares e não se observou uma atenção maior das livrarias para com o leitor infantil.

Em 1979, estudo sobre a influência dos meios de comunicação sobre a criança foi desenvolvido pelo GRUPO DE MÍDIA DE SÃO PAULO (8) abrangendo crianças de 4 a 14 anos, que representam 28% da

população da Grande São Paulo, e os seguintes meios: rádio, televisão, revistas e jornais. Observou-se que o rádio conta com grande audiência infantil, em dias e horários de menor concorrência da televisão, mas não apresenta programação apropriada a esse público; as revistas infantis são marcadamente estrangeiras (95% dos autores): entre os títulos de maior circulação, apenas um (a revista Mônica) é de autor nacional.

Quanto ao jornal, constatou-se que praticamente inexistente, de forma específica, para a clientela infantil: somando-se os exemplares de duas publicações no gênero, obteve-se um total de 228 mil exemplares para 3 milhões de leitores até 14 anos de idade. A televisão deteve a maior audiência, com o público infantil superando o adulto. A carga horária média de programação infantil atingiu 40% no período estudado, contribuindo com maior parcela os desenhos animados e os seriados. Dessa carga horária, apenas 11% dos programas eram nacionais, sendo que uma emissora apresentou 64% de programação constituída por programas infantis, todos estrangeiros. A média de hora de assistência à televisão foi de três horas diárias, variando de acordo com o dia da semana e a classe social das crianças: maior incidência aos domingos e entre crianças de classes sociais mais baixas.

Analisando durante uma semana o volume de propaganda veiculada pela televisão, obsevou-se a média de trinta mensagens por hora de programação, pela manhã e oitenta na parte da tarde. Entre as mensagens dirigidas ao público infantil, destacaram-se as propagandas de doces, refrescos, chocolates, biscoitos, gomas de mascar, além de produtos (especialmente os destinados à diversão) fora do poder aquisitivo da maior parte do público consumidor.

Outro estudo, recentemente publicado, foi desenvolvido por AGUIAR (1), para verificação dos interesses de leitura de estudantes de 4.^a a 8.^a séries, em escolas de primeiro grau, na zona urbana de Porto Alegre. A autora utilizou as variáveis série/idade, sexo e nível sócio-econômico, em amostra de 400 elementos, obtendo os seguintes resultados:

- a) Influência da série/idade em relação ao meio de comunicação utilizado, tipo/gênero de leitura, assunto, estrutura da estória, e aspectos físicos do livro, e concluiu que o estudante vai-se afastando do livro, à medida que aumentam sua idade e nível de escolaridade;
- b) A variável sexo foi considerada menos significativa do que a idade/escolaridade na determinação de interesses de leitura. A única conclusão a ser destacada em relação ao fator sexo é de que existe uma preferência acentuada por livros de menor espessura, entre estudantes do sexo feminino;
- c) Quanto ao fator sócio-econômico, a autora concluiu que existe, entre os alunos de nível mais baixo, um distanciamento maior em relação ao texto escrito.

O resultado global mostrou o seguinte núcleo comum de preferências: revistas em quadrinhos; conteúdos de aventuras; enredo desconhecido; personagens humanas e sobrenaturais; ilustrações coloridas e em grande quantidade.

3. CONCLUSÕES

Uma constatação quase unânime dos estudos analisados é de que a escola tem sido mal sucedida na sua função de despertar e desenvolver nos alunos o

gosto pela leitura. Para esse fracasso, concorrem não só as deficiências do próprio sistema de ensino e do ambiente escolar, mas também o desinteresse e despreparo do professor e dos alunos e o mau funcionamento da biblioteca escolar.

Um dado de interesse é que a leitura atinge sua maior incidência entre estudantes na faixa etária de 8 a 14 anos, coincidente com a época de frequência escolar de 1.º grau, caindo percentualmente quando do total se exclui a leitura compulsória. O volume de leitura parece diminuir à medida que os alunos se aproximam do segundo grau, ocorrendo um afastamento da leitura por parte de alunos com maior idade e grau de escolaridade. Essa constatação pode confirmar, em parte, o fracasso da escola em transformar a leitura em hábito e em interesse permanentes

São numerosos os fatores que influenciam o comportamento e muitos deles estão fora do controle da escola, à qual se atribui um trabalho exclusivo e isolado — e contra uma série de condições desfavoráveis — de incutir nos alunos o gosto pela leitura. Pode-se deduzir também que a leitura vai mal, não só em países subdesenvolvidos, mas também em países de acentuada tradição cultural como a França, e que ocupa posição secundária entre as formas de lazer. Um pouco mais otimista é a visão de DUMAZEDIER a respeito da leitura como forma de recreação.

Os meios de comunicação de massa, em especial a televisão, são às vezes apontados como concorrentes do livro, chegando alguns autores a estabelecer uma correlação inversa entre leitura e assistência à televisão.

Quanto ao conteúdo de obras literárias, os temas de aventuras, mistério e histórias de amor parecem ser

os mais apreciados por crianças e adolescentes, verificando-se maior aceitação de personagens e histórias mais próximas da realidade dos leitores. Considerando o conteúdo de revistas, jornais e outros meios de comunicação de massa, alguns estudos realizados no Brasil concluíram que não se pode caracterizá-los como os mais adequados à clientela infanto-juvenil brasileira.

Embora não se tenha podido fazer uma análise mais minuciosa, devido à deficiência de dados apresentados nos relatos das pesquisas, pode-se concluir também que, embora ainda incipientes, os estudos realizados no Brasil fornecem um volume considerável de dados que, devidamente trabalhados, podem contribuir positivamente para a formulação de um corpo teórico de conhecimentos sobre leitura recreativa infantil, assunto considerado da maior importância.

BIBLIOGRAFIA

1. AGUIAR, Vera Teixeira de. **Que livro indicar?** Interesses do leitor jovem. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1979. 80p.
2. ALBUQUERQUE, Irene de. Levantamento sobre preferências de leitura entre as crianças do Rio Grande do Sul. **Boletim Informativo da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil**, Rio de Janeiro, 3 (14): 28-31, jun. 1971.
3. BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. Trad. Octavio Mendes Cajado. São Paulo, Cultrix, 1977. 117p.
4. BROOKS, Fowler D. Intereses de los adolescentes: la lectura. In:———. **Psicología de la adolescencia**. Buenos Aires, Kapelusz, 1948. cap. 10, p. 273-309.
5. DUMAZEDIER, Joffre. O lazer e o livro. In:———. **Lazer e cultura popular**. Trad. Maria de Lourdes S. Machado. São Paulo, Perspectiva, 1973. p. 203-34.
6. FONTAINE, Régine. Le problème du livre face au lecteur en Afrique: quelques lignes d'action proposées. **Bulletin des Bibliothèques de France**, Paris, 21 (1): 11-18, jan. 1976.
7. GANZÁLEZ, Alaíde Inah. **Leitura criadora**. s.n.t. 18p. / mimeografado/

- 8 GRUPO DE MÍDIA DE SÃO PAULO. Alguns aspectos da audiência infantil aos meios de comunicação. **Caderno de Pesquisa** (Fundação Carlos Chagas), São Paulo (31): 34-40, dez. 1979.
9. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS, Rio de Janeiro. Uma investigação sobre jornais e revistas infantis e juvenis, pt. 1. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, 2 (5/6): 255-75, dez. 1944.
- 10 —————; pt. 2. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, 3 (7/8): 82-101, jan / fev. 1945.
11. LANDY, Sarah. Teenagers and reading... incompatible? **Canadian Library Journal**, Ottawa, 32 (5): 385-8, Oct. 1975.
12. ———. Why Johnny can read... but doesn't. **Canadian Library Journal**, Ottawa, 34 (5): 379-87, Oct. 1977
13. A LEITURA e o uso dos livros; novos aspectos dos interesses dos leitores. **SNEL Boletim Mensal**, Rio de Janeiro (47) julho 1979.
14. LIBRARY TRENDS. Research in the fields of reading and communications. Urbana, Ill., v. 22, n. 4, Oct. 1972. Editor: Alice Lohrer.
15. MANN, Peter H. Some aspects of the sociology of book reading. **Education Libraries Bulletin**, London (41): 1-10. Summer 1971.
16. MARSHALL, Margareth R. Libraries in educational establishments for teenagers. In:———. **Libraries and literature for teenagers**. London, A. Deutsch, 1975. p. 73-134.
17. MEDINA, Carlos Alberto de. A função social do livro na atual realidade brasileira. In: Uma POLÍTICA integrada do livro para um país em processo de desenvolvimento; preliminares para a definição de uma política nacional do livro. Rio de Janeiro, SNEL, 1976. p. 95-120.
18. PIRES, Nise. **Crianças, jovens e a literatura**; relatório de pesquisa. Rio de Janeiro, 1976. Iv. /mimeografado/
19. SORIANO, M. Marc. Le rôle de la lecture dans de développement des enfants et des adolescents de nos sociétés en transformation. **Bulletin des Bibliothèques de Bibliothèques de France**, Paris, 17 (8) :349-62, Aout 1972.
20. WAGNER, Elísia da Silva. Literatura infantil na sala de aula. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, 12 (36): 56-73, jun. 1979.